

Protesto contra o Greenpeace

Madeireiros de Belém acusam ONG de promover campanha mundial contra a exploração da madeira na Amazônia

Das Agências Estado e Folha

Belém — Cerca de 1.500 trabalhadores desempregados e empregados de madeireiras paraenses protestaram ontem contra a presença na Amazônia do navio de bandeira inglesa Amazon Guardian, do movimento ambientalista Greenpeace, ancorado há quatro dias no porto de Belém. Eles acusam a entidade de vir promovendo campanha mundial contra a exportação de madeira da região, o que já provocou o fechamento de 50 serrarias no Pará e demissão de três mil trabalhadores.

Houve um princípio de tumulto quando o diretor da Organização Não-governamental (ONG) Greenpeace, Paulo Hadad, desceu do navio e foi dialogar com os líderes da manifestação. "Não há indústria madeireira sem madeira. Nós não so-

mos contra a exploração florestal, desde que isso seja feito sem devastar o meio ambiente", disse Hadad, enquanto os manifestantes, aos gritos de "fora" e muitos palavrões o expulsaram do local. Quando voltava ao cais, o diretor da ONG foi agredido por um trabalhador que tentou puxá-lo pela camisa.

Segundo o sócio da madeireira G.D. Carajás, Dário Tragni, que ajudou a organizar a manifestação, o Greenpeace tem uma política extremista que prejudica não só quem trabalha ilegalmente, mas todo o setor. Tragni disse que sua empresa, uma das maiores exportadoras do ramo, está para fechar as portas por causa da política ambiental atual. "Estamos sem condições de trabalhar, queremos um debate em que todos participem". A G.D. Carajás estaria operando com metade de sua capacidade há cerca de um ano.

Ary Souza/O Liberal



Manifestantes tentaram agredir o diretor da ONG, Paulo Hadad

"Eu quero saber se esses gringos que viajavam nesse navio vão sustentar a minha família, que está passando fome", protestou o classificador de madeira, Arlindo Fortunato. Ele contou ter perdido o emprego há três meses. O madeireiro Cláudio Ferreira acusou o Greenpeace de estar a serviço de grupos multinacionais que querem tomar a Amazônia do Brasil. "Esse caras são folgados. Vêm aqui dentro man-

dar no Brasil, mas não protestam contra os americanos e europeus, que destruíram suas florestas e mataram os índios".

Desde que chegaram a Belém, os ambientalistas da ONG estão tentando liberar a visita ao barco, proibida pela Polícia Federal — não haveria interesse do público pelo barco, e a embarcação não teria segurança para os visitantes.

O Greenpeace conseguiu li-

minar da Justiça para receber os visitantes, mas a manifestação de ontem e a hostilidade dos madeireiros colocou a tripulação em estado de alerta.

Segundo o chefe da Delegacia de Polícia Marítima, Aeroportuária e de Fronteiras, Ricardo Villaça, a decisão foi tomada em conjunto com a Companhia Docas do Pará e a Receita Federal. "Ainda bem que proibimos, a confusão que aconteceu no porto do cais poderia ter ocorrido dentro do barco.

Ontem, os advogados entraram com um pedido de liberação em nome de várias entidades sindicais e da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos. O Amazon Guardian deveria deixar Belém na segunda-feira. Segundo o advogado José Maria Vieira, o navio passa a ficar mais três dias na cidade, já que houve autorização para a visita, por parte do juiz Rubens Rollo D'Oliveira.

Durante três meses, a embarcação percorreu 11 mil quilômetros pela bacia amazônica com 39 ambientalistas de várias nacionalidades para tentar diagnosticar a exploração ilegal de madeira na região.

INSTITUTO	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	JM
Data	24/10/2000 Pg 15
Class.	1.372
Documentação	
CB	